

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

O ciclo das dictaduras

O regresso às chellas pessoais—O velho mundo e os homens modernos—Os dictadores e o que pensam os povos—Os dictadores radicais e conservadores

O que se passa no mundo dá a impressão que os reis, restringidos os seus poderes, em nome do que se convencionou chamar a libertação dos povos, encarados como simples emblemas duma causa, agradecem, satisfeitos, aos homens, aos plebeus letrados, militares, revolucionarios, que os ajudam a sopesar os scetros, enquanto não lhos reentregam des-cativos, desembaraçados das peias, com que os governantes da velha escola os tinham enleado e sobrecarregado.

Aqueles recém-chegados triunfantes, a apoiarem-se na chefia da tradição, são os dictadores que surgem num espirito nacionalista.

A Europa, que roubou ao direito divino a purpura onde êle se embrulhava, manchando-a de sangue e lançando-a à irrisão, submeteu-se, como uma fera, doente pela indigestão da hecatombe, ao primeiro homem bastante valoroso e bastante teatral para a dominar. Bonaparte, esse dictador que acabou por se entronisar, tornou-se—em sua pompa cesarea—o maior inimigo do direito divino da realesa. Simples tenente esfaimado e roto, com a algibeira numa penuria permanente, general palido e de uniforme rapado, guindando-se ao deslumbramento das vitorias, mostrou ao mundo como se formavam as Casas Reais. Matara-se a tradição e era sobre ela que o soldado feliz procurava assentar a dinastia nova; a dos homens bastante audazes para escalamem os solios.

Daf por diante restringiu-se mais o poderio aos soberanos, quando a sua gloria foi enclausurada, como se fosse possivel ocultar o sol. Os monarchas, todos constitucionais, passaram a palidas sombras, A sua volta governavam os ministros, os politicos, as clientelas, não já submissas, mas em verdadeiras oligarquias.

Um poeta satirico, do primeiro imperio, dizia, em relação aos parlamentares, dignitarios, aulicos de que Napoleão se rodeava, porque não ha astro sem satellites nem soberano sem côrte:

*Se Napoleon fait un pet
Geofroy le dit sent rose
Et le Senat par un decret
Enrigissera la chose.*

É que o imperador guindara-os e dominava-os; os outros reis, desde que largaram uma parcela do seu poder, viam em volta os famulos como crêdores, os politiquetes como enigmas, os amigos de ontem como adversarios de amanhã. Assim rolou, durante um seculo de constitucionalismo, a velha Europa, com o desrespeito aos chefes, porque não lhes sentiam o poder.

Portugal foi o país onde a Constituição, semeada num exotismo, deu mais dêsses exemplos. O proprio dador da liberdade morreu, vomitando os pulmões, ouvindo o rugido da politicagem. D. Maria II chorou muitas lagrimas, porque umas vezes os marechais atiravam os seus cavalos para junto do trono, outros os empinavam como para alcançarem a corôa. D. Pedro V quiz, por vezes, ter assomos de absolutismo, de mando directo, no bom sentido, levado pela sua alta intelligencia, que o tornava tão superior, mas logo rouquejavam as vozes dos ministros, com ironias, com sarcasmos, até que êle — êsse principe de Aviz, revivido em Bragança — os continha com o seu olhar. Era um rebelde, a despartilhar-se da formula e a sacudir os ambiciosos que governavam em seu nome. Morreu e o povo chorou, ajoelhou na lama das Necessidades, lançou as culpas dêsse passamento aos flibusteiros dos partidos. Se vivesse mais tempo, Saldanha — o ultimo marechal — teria repetido um dos seus favoritos golpes e o soberano — no seu fundo absolutista, no bom sentido — appareceria apontado como um traidor ao juramento constitucional, a todas as leis calcadas pelos governos. D. Luís, burguezmente, com o seu bonacheirismo, arcoando o violoncelo, pulsando os sete idiomas que gostava de praticar, catrapiscando as comicas e traduzindo Shakspeare, nunca passou dum instrumento nas mãos dos politicos e, quando quiz deixar de o ser, Saldanha, o inevitavel, appareceu, por deshoras — numa noite de maio — e safu do paço vencedor. Não tinha o feitio de politico mas o de *condottieri*. Este seu acto não se podia considerar senão como contrario ao rei em movimento. Foi, todavia, um efemero dictador.

Fontes, aborrecido por esperar, enquanto D. Luís se entretinha com Julio de Vilhena, atreveu-se a dizer ao monarca, como um amo:

— Julgava que El-Rei só lia aos seus ministros a Carta Constitucional.

Outra vez, um politico de menos autoridade, como êle se recusasse a assinar certo despacho, sarcasteava, olhando a rua, o espaço, o sol:

— Que lindo dia para um rei constitucional ir dar o seu passeio...

E acentuou o *constitucional*.

D. Carlos, mais viril, mais excitado pelo sangue dos Saboias, sentou à sua volta êsse resto dos dominadores, a insultá-lo quando lhes negava o poder, a lambê-lo quando lho dava, e, assim, entre um desdobramento de cães e lobos, o rei viveu até à hora da energia. Desceu da formula com o mesmo grande instinto que um homem, cheio de pessoalismo, usa quando vê os mediocres a sufocá-lo. Compreendera as ambições, as lutas pelo poder, as batalhas, as falsidades e, como um ser de character, jogou

tudo por uma esperança de se libertar. Portugal teve um dictador; por detraz dele estava um rei. A obra era comum. Eis a primeira grande tentativa de organização que se fez após as guerras, as escaramuças, os pleitos de 75 anos, por cousas platonicas, regadas com sangue. Estava-se sobre uma ruina; em roda robrenadavam frases, lôas, canticos à liberdade, sempre posta de lado pelos tribunos, tornados ministros, e que gotejavam lagrimas e pús.

João Franco foi dictador. Não jungia o rei; era o seu colaborador e na obra, na acção dêsse homem honrado, sentem-se os prodromos do grande trabalho que a Europa devia querer produzir após a guerra. A devastação deve succeder a ordem; para reformar maus habitos é preciso uma vontade soberba de energia; para demolir ganancias carece-se dumã fibra honesta; para conduzir uma patria à prosperidade é necessario cortar nos escandalos, nos erros, nos abusos. O dictador tentou-o, os alcançados, por seus projetos lançaram-se contra êle... e contra o rei.

Em nome de leis, que sempre tinham calcado, cantaram os velhos hinos liberais, mesclaram-se com os inimigos do regimen e trairam o seu credo. Todavia foi esse politico o precursor dos dictadores, que ontem—quando os reis subjugados pela politicagem corruta, iam cair no vacuo—aparecerem para os salvar, ajudando-os no seu duro officio de reinar, sendo os Cireneus de suas cruzes doiradas.

Em Portugal D. Carlos foi morto. A palavra *dictadura* tornou-se execranda, e, no entanto—veja-se o que é o instinto do povo para as chefias dum só, bem superior, bem honrado—procurando o justo equilibrio—; analise-se o que é o odio das massas, nas nações, contra os politicos de officio. Sempre que surgir alguém—um velho general—ou um moço professor—querendo conduzi-los, adoram-nos, repelem os miseraveis que—em nome dos seus interesses, mascarados com a Constituição—os atacam. Amou-se, como a uma esperança, a Pimenta de Castro, delirou-se, como diante dum idolo, ao sentir-se-lhe a acção, a Sidonio. Sombras de dictadores, na vaguidão semibarbara dum arrabalde europeu, êles foram. Um sem as largas concepções dum homem de estado e sem a indomita força dum portador de espada; o outro, tentando mover-se, mas esbarrando no sabre que lhe dificultava o andar, foram figuras passageiras—mais fantasmas dos muitos que povoam a historia de Portugal,—demonstrações vivas da tendência germinadora, já então,—apesar do exemplo da inicial dictadura franquista—que só sossobrou ante o crime—marca da necessidade dos povos em saberem quem os comanda.

Os reis, presos em seus paços como bonzos cujos sacerdotes são os verdadeiros deuses—embora o não pareçam,—esses monarcas quando querem ser homens—mostrar personalidades, cumprir com o dever que lhes cabe de salvar os seus tronos—ou teem que procurar um braço solid o ou aceitar o que lhe oferecem os renovadores. Todas as Constituições se abalam ante um vencedor, embora para formar outras mais consentaneas com o tempo em que se vive, depois de varrer os entulhos, os lixos, os profissionais do dolo.

O que os soberanos sentiam—essa asfixia junto dos solios—o que êles viam à sua volta—êsse zumbido irritante de ambiciosos que os enlaçavam na camisa de forças das velharias—tambem, num dado instante, o sentiam os presidentes da republica. Basta o exemplo português. Manuel de Arriaga ilaquiado, persistindo no devorismo democratico, olhando para essas varejeiras chupando o pús da chaga aberta, pretendeu sacudi-las,

formar um sistema novo de governo e chamou um oficial da sua confiança: era o dictador.

Sidonio Pais exige para si poderes diferentes dos que cabiam aos outros chefes do estado monarchico e republicano. As lições duras do passado — e tambem todos os seus riscos — acudiam-lhe, mas sabia admiravelmente que, pelos processos do enclausuramento nas formulas, não pode governar, seja quem fôr, que tenha idéas, programas, vontade. Era um mais forte esboço de dictador.

Como a dar-lhes razão — a João Franco, iniciador, que pretendia reformar o país, a D. Carlos que o abraçara nessa tarefa, a vincar a subtilidade dessa acção, a visão do caminho ainda entenebrecido, aí surgem pela Europa, os dictadores nacionais.

A Italia vê, com pasmo, aparecer Mussolini — fronte cesarea, mascara dum cidadão da viril epoca de Roma — e, deslumbrada por sua palavra, admirada por sua obra, faz do seu nome um lema, um partido, uma bandeira patriótica e ama-o. Sente-o a demolir e logo a reconstruir. A seu lado — esmagador das velhas politicas de moldes classicos, besuntados de fraseado retumbante, de maçonismo e irreligião — está um homem.

É o seu libertador; e, mais, é quem restitue à Italia um rei, de que se fizera um ser apagado para fazer continencias e assistir calado às discussões politicas. Ao lado dos tronos estão dois homens. É bem melhor que dividir o poder em quadrilhas.

Em Espanha lavrava a mesma corrupção quasi sempre, applicavam-se os mesmos processos e o soberano, tão pessoal, tão bem recortado seu character, valentia, superioridade, via-se obrigado a submeter-se aos aos partidistas, aos faccionarios, às abundantes e proliferantes marcas politicas que o ligavam ao officio como a um madeiro.

Longos anos esta situação durou e, dentro dela, enriqueciam os apatiguados dos partidos, filintavam os *duros sevillanos*, medravam os homens de estado em bancos e companhias; um servedouro fedea aos pés da realza. Chegou um homem — creio pouco nele, porque não é senão um soldado a quem falta a diplomacia — mas mostrou bem como quere esmagar os traficantes, desembaraçar a vida nacional dêesses agentes da oligarquia financeira, do banqueirismo, do mercantilismo, da plutocracia.

Chegou-se ao momento de desafogar os chefes dos laços com que os prendem os politicos, os falsos sacerdotes da religião da liberdade e do progresso, porque não é falando neles e traindo-os que se impõem aos povos.

Libertos os chefes serão libertados os cidadãos. Mais vale ser dirigidos por individuos de eleição, em tórno dum tradicionalismo bem popular, bem da raiz da raça, que cuidar a fingir que mandamos todos, para, no fim, só não dirigir quem o devia fazer.

Os dictadores surgem para contrabater os exageros das democracias caídas na balburdia demagógica. O que se arvora é o direito de governar fóra das clientelas, o que se carece é de ter personalidade no mando.

Poincaré dizia, tristemente, ao cabo do seu quadrienio presidencial, apontando o Elyseu: *dali não se governa a França*.

Millerand não quere sair dizendo o mesmo, e exige a reforma da Constituição, para não ser necessário o *dictador*.

Como se vê — senhores demagogos — depois dêestes homens, o que se faz pelo mundo fóra — desenvolvimento novo mergulhado na velha fonte — não é obra de reaccionarios. É mera tendência para o equilibrio que só começará quando cada um estiver no seu lugar.

O Pão negro dos cães

Um protesto e um libelo — A Moagem em seus dominios — O dictador necessario — Justiça que não se oculta — Ministros cúmplices de moageiros

A associação de classe dos Industriaes de Panificação Independentes publicou um manifesto no qual vem dar razão á nossa constante luta contra a grande Moagem. Pelos modos, o senhor Joaquim Ribeiro, ex-ministro da agricultura, que sentia nos moageiros uns autenticos ladrões, segundo asseverou aos jornalistas, ou por falta de tempo ou por desajuda, ou por se enredar nas peias burocraticas deixou o poder mas entregou-nos a eles, aos individuos cognominados de tal maneira que é de extranhar não os vemos nas cadeias.

Ficará esse lance teatral—e decerto bem tragico—para a hora, que não pode vir longe, em que o Ditador Nacional—o qual ha de surgir—fazer o inquerito ás fortunas, sequestrar os bens mal adquiridos, e, em nome da nação vilependiada, do povo roubado, entregar ao tesouro publico fabricas, palacios, livros falsificados como o pão com os respectivos homens do trafico. Não sei quem será esse libertador mas ele virá para não sermos todos os executores da obra que á lei compete. Os nomes dos enriquecidos nesse crime? Andam em todas as bocas. As suas moradas? Estão em todos os Anuários e listas de telefones. Bastam alguns soldados e dois ou trez *camions*. O resto, o tribunal para os julgar e aos politicos seus cúmplices, improvisar-se-ha. Nada de brutaes assaltos; vale mais a lei creada por uma vontade coletiva a atuar do que a balburdante furia popular castigando inocentes. Estas paginas que teem sido—e serão sempre—um libelo contra esses desfrutadores da riqueza acumulada á custa do esforço de quem lida, trabalha, e jamais produz bastante para a ganancia deles, constituem o arquivo dos seus crimes, são o seu cadastro, o seu processo. Por isso aqui ficam, para na hora propria não darem trabalho a procurar, as afirmações desse manifesto dos panificadores independentes.

«O decreto n.º 9060 autorisa os moageiros a estabelecer os preços de farinha e pão que julgarem convenientes aos seus interesses».

Quer dizer: ficámos peor do que estavamos. O ministro não o fez propositadamente. Procedeu por inepecia.

É que eu não posso acreditar que um politico que alcunha de ladra uma classe, nos vá entregar a ela conscientemente. Cada vez que se sobe ao poder padece-se de vertigens, zumbidos nos ouvidos, de vágadas, de enjões. Nos reposteiros das secretarias de ha muito se acumula o pó perturbador. Só assim, por esse odor, espalhado nas secretarias, a feder nesse Terreiro do Paço maldito, a encanar-se na Arcada dos sortilegios, onde os simbolos são engraxadores que deixam as cadeiras da faina pelas do mando, só porque um delirio acomete os recrutados para a má função de dirigir sem aptidões se compreende que um ministro, sabedor das traficancias, a traficantes nos entregue. Talvez que o dia de amanhã seja de castigo e que tudo o que foi dementadamente feito, comece a tornar-se o primeiro passo da justiça do destino.

Não se pode tratar a sangue frio quem brinca com a nossa fome; não se podem enfeitar de termos literarios as acusações a esses reus de hoje, a esses condenados de amanhã. Tenho a certeza de que estou escrevendo profecias com aspera forma, e que lhes traço o libelo. Se já não tivesse acumulado razões, apontado fortunas que são nossas e andam detidas em mãos enfarinhadas de horrores, bastava esta queixa de industriaes para fazer sem escrupulo, a minha acusação. A Moagem, composta por verdadeiros escorpiões, é, cada vez mais, a senhora do país. Conheço individuos que mergulham as suas consciencias nesse crime de nos explorar e já não lhes falo, para amanhã, quando a justiça chegar — e ela virá — ter de intervir a suplicar piedade. Saltam-me os seus nomes debaixo deste aparo. Eles ainda se riem e gosam. Julgam que vae durar o seu reinado; imaginam que só o bolchevismo os julgará e contam com as nações visinhas para os proteger. Doidos, que desconhecem o caminho que tudo isto leva e a sorte que os aguarda! Serão até os conservadores, roubados como os esquerdistas, que os condenarão. Em Espanha vão ser metidos na ordem os delapidadores politicos; em Portugal juntar-se-hão os cúmplices.

O libelo dos industriaes continúa; diz assim:

«Os nossos homens publicos sabem bem, que a grande Moagem conseguiu com as suas manigancias arrancar miseravelmente as migalhas do consumidor acumulando tanto dinheiro, que chegou a comprar os maiores jornaes do nosso país, para assim preparar a opinião publica, e poder mais descaradamente aumentar os seus fabulosos lucros, conforme o está conseguindo com o actual decreto. É preciso, tambem, que o povo saiba que, já dentro do regimen Republicano, ministros tem havido que sendo autores de Projectos de Lei para a nacionalisação da Moagem são agora grandes accionistas da mesma e os seus melhores cooperadores; não só na metropole como nas nossas Colonias.»

O que se exige é os nomes de toda essa gente, que se aponta como recebendo os lucros, que se confronte a sua atitude de hontem com a actual, que se verifique de seus haveres antes e depois desse cambio.

Se uma calada se faz é preciso que alguém apareça a desmascarar. Que importa as suas campanhas contra as pessoas que as atacam, o seu trabalho da treva que vae até á prosição de se publicarem os nossos nomes em seus jornaes? Que faz isso? Não durará sempre esse poder; ele ha-de acabar, como todas as infamias, mas, desta vez, não

O barrete frigio do Senhor Arcebispo

O combate dum Prelado — O bispo da Guarda
contra os liberais — A sua acção anti-republi-
cana — A visita aos monarquicos em Braga —
O volte face

Veementemente um padre — decerto um desses humildes sacerdotes cuja vida é feita de dôres e sacrificios — insurge-se, no *Diario de Lisboa*, contra as ordens de certos prelados para o acatamento da republica pelo clero. Entre estes conselheiros da submissão destaca-se, segundo o mesmo indignado clerigo, o senhor arcebispo de Braga que até aconselha o banimento da *Epoca* e do *Correio da Manhã* das residencias paroquiais.

D. Manuel Vieira de Matos, antigo bispo da Guarda, tinha, outrora fama de audacioso ultramontano e até o acusavam de jesuita apontando-o como o reaccionario maximo e um dos incitadores de todas as campanhas contra os governantes, mesmo no tempo da monarchia.

«Sob os olhos complacentes de D. Manuel Vieira de Matos, existe na Guarda uma empresa de jornais catholicos, a qual tem o nome de «Veritas» e pretende parodiar a «Croix». Suavemente assim indica, no seu panfleto, a *Laterna*, o senhor Avelino de Almeida, a cumplicidade do prelado na publicação duma comedia na qual se chamava a Afonso Costa, Ferreira do Amaral, Teofilo Braga e Alexandre Braga, entre outras cousas: *perversos, traidores, sicarios, feras, vampiros, tartufos, buiças, maturagem*. Especialmente ao dr. Afonso Costa, sentindo nele o futuro auctor da Lei da Separação — a infamia que ofendeu crenças e gerou miserias — titulavam-no de *cão, diabo, magico, caluniador mór do país etc.*

Neste tempo, o bispo era acusado, bem como D. Manuel Baptista da Cunha, então arcebispo de Braga de serem «os maiores responsaveis pelo que semelhante imprensa traz à publicidade e, consequentemente, pelo que succeder em virtude dos excessos prepretados por ela.»

O odio aos que tocavam nas regalias da Igreja ia até á publica repulsa por D. Pedro IV e a sua paixão pelas congregações chegava ao exagero de defender, do alto do pulpito, a teoria da resistencia ás autoridades, por todos os meios.

A acção do bispo da Guarda era a dum combativismo de tal categoria; em prol do reaccionarismo, que muito deve surpreender toda a a revelação condenatoria ácerca de seu moderno procedimento.

Jamais se poupava a expôr-se pela causa das congregações; quando o acoimavam de jesuita, rejubilava sentindo estar nessa designação o maximo do seu valor de contrariar o poder temporal.

Quando se tratava dos padres da Aldeia da Ponte tomava a sua defesa de tal maneira que no relatorio do administrador do Sabugal, sr. Tavares Osorio, enviado ao governo monarchico, o acusaram de ter ido ao local *«aconselhar a povoação a que guardassem os padres e a associação não consentindo que lhes fechassem as portas se alguém tentasse fazê-lo»*. O funcionario acrescentava: *«terem eles, os congreganistas—redobrado de audacia desde que à frente daquela diocese se encontrava tal bispo que as ia visitar quando julgava que precisavam do seu apoio.»*

Mas ha mais. A sua furia ultramontana era tanta que o proprio Teixeira de Sousa a afirma no seu livro, *Para a Historia da Revolução: «na sua intima comunhão de ideias e pensamentos com o bispo da Guarda, com os padres jesuitas—os de Aldeia da Ponte—luctavam contra o governo.»*

Só porque o suspeitava liberal, transigente, afeitos às ideias contrarias, atirava-se sem temores para a batalha. O padre Baldomero Cerisa, superior dos frades aldeanos, escrevera á autoridade convencido que *«não somos responsaveis pelas consequencias; que eu temo muito que haverá serios conflictos e talvez muito derramamento de sangue inocente; que estes povos todos estão inteiramente a nosso favor e vingarão qualquer injuria que se queira cometer contra nós. Que tenha pois cautela.»*

Foi atribuida—e dizem que com razão—a ameaçadora carta ao prelado, o qual tinha sido o verdadeiro incitador das populações.

Isto era no tempo da monarchia. Quando a republica chegou, não houve seu maior adversario. Atribuia-se sua colera aos tormentos sofridos pelos membros da Companhia de Jesus. A sua cruz peitoral, a sua categoria de bispo, livravam-no da expulsão porque era apenas um filiado secular disfarçado, asseveraram, os que ele combatia.

Durante muito tempo, e, hoje ainda, o temem por jesuita—o unico consentido e tolerado em Portugal, quando a todos se devia dar tal liberdade como portugueses.

Não se prendeu com considerações, o bispo, e da sua acção nessa epoca rezam os jornais e os livros *«O prelado da Guarda, enviava ao ministro da justiça um officio em que pregoava a soberania dos bispos, e estigmatizava a lei da separação»*.

Encarava como maldito o dinheiro da republica, nessa epoca, e não hesitava em o demonstrar: *«Pouco depois, porque o entendeu o bispo da Guarda destituiu um padre só porque aceitara aquele favor do estado e interdicto o de residir nos limites do seu districto por dois anos»*. Foi, pois o primeiro antistite castigado. Nessa hora—o *Dia* confessava: *«o sr. arcebispo—bispo da Guarda, fôra um dos grandes esteitos do ultramontanismo que fizera grande mal às velhas instituições»*.

Quer dizer: puxavam-no tanto para o absolutismo as suas tendencias, de tal forma procedera, que os proprios realistas o acusavam. Ninguém mais activo na lucta; ninguém mais ousado nas replicas e os padres portuguezes sentiam que tinham nele um defensor, exagerado até, de seus direitos.

Não o pouparam. O *Seculo* marcava, assim, a sua attitude *«as*

declarações do bispo agravavam notavelmente a sua situação e o governo não podia ficar indiferente». *La Croix*, tomava a sua defeza e noticiava «que um dos nossos amigos contristado pelos imerecidos infortunios do que tem sofrido o bispo da Guarda ofereceu-lhe um asilo em sua casa.» Enchiam-no de carinhos. Aparecia como um hercules brandindo o baculo e o povo aclamava-o sob o seu sorriso satisfeito. O *Mundo*, narrava, deste modo, a sua chegada ao Fundão, em dezembro de 1911: «provocava um motim em que se gritava: *Viva o bispo! Viva Paiva Couceiro! Viva a Santa Religião!*»

As perseguições á igreja eram inumeras. Todos os dias, como presentemente, se dilaceravam as almas dos crentes. As imagens eram queimadas no Bombarral, lançadas da escarpa de Almada ao Tejo, espancados os sacerdotes mesmo quando tinham nas mãos a hostia consagrada, arremecavam-se bombas contra os templos, como ha pouco ainda, porque a situação não mudou, apesar de todas as diplomacias em Roma e em Lisboa. Os padres, espoliados de seus passais, pareciam mendigos. Presentemente mal ganham para comer. O bispo do Porto, D. Antonio, um missionario e um santo, era apupado pela canalha nas ruas de Lisboa e ia para casa do Afonso Costa receber insultos; o patriarca — vi-o eu em Gouveia — passava inclemencias; era desterrado; o bispo de Beja era perseguido infamemente e as igrejas tornavam-se alvo de assaltos como a de Gandra, a de Miranda do Douro, a de Fraga a de Ilhavo, sob a vista complacente das autoridades.

Cousa alguma se transformou neste sentido; os desacatos continuam e ainda ha pouco eles se viram em todo o seu revoltante sectarismo.

O bispo lôra o grande conductor da resistencia e a seus ouvidos chegavam, em sua honra, as trovas que lhe agradavam e o faziam sorrir:

*Adeus Laurindinha,
Laranja Maria
Môrra a Republica
Viva a Monarquia!
Adeus Laurindinha,
Laranja Limão
Morra a Republica!
Viva a Religião!*

Não se detinha em seu combate. Assim o tomaram para exemplo. ✓ Ainda ha pouco, quando se proclamou a Monarquia no norte, foi o arcebispo de Braga — o antigo bispo da Guarda — um dos seus maiores entusiastas. Entrou no governo civil a saudar as autoridades, recebendo as honras militares e abençoando o povo. Dos seus labios prelaticios safu o mais estridente viva á Monarquia.

D. Manuel Vieira de Matos era um paladino.

Na hora em que se começou a virar para a Republica uma corrente apagada de catolicos, ávida de regalias e de benesses, ele ainda clamava, dentro da sua antiga diocese, conforme o acusavam:

— «*Outra republica* proclamava-o o actual e reaccionarissimo prelado da Guarda, conspirando o clero contra a obra de Afonso Costa e contra o regimen — *outra republica no dia em que entendeu separar-se da Igreja garantiu ao clero que ele recebia. Se assim se tivesse feito entre nós, o clero português, como o clero brasileiro, não teria levan-*

tado os protestos que o dever lhe tem aconselhado e que mal devotamente se tem interpretado como hostilidade à republica, quando são apenas o desabaço da consciencia ofendida.»

A sua extranha doutrina começou a admirar alguns. Havia uma confusão entre interesses e dignidade, mas o prelado combatera muito e deixara-se passar essa ineptia. De repente, o chefe da reacção contra o sistema, surge do lado contrario, ajoelhando diante da republica, conforme se depreende do que narrou o padre ao *Diario de Lisboa*.

Tornou-se um adversario das suas antigas crenças. O unico jesuita que vive em Portugal, e que a republica aceita por sua nova tactica de acção, perante o qual transige, parece livre das culpas do passado, E' o que propalam os radicais, que se amanhã forem governo, naturalmente profundarão as razões dessa volta subita e do grupo que ele inspira. Ha muitas maneiras de triunfar e a subordinação, dum minuto é por vezes mais proveitosa do que a lucra sem freguas.

A não ser este o novo programa de Senhor Arcebispo, só uma cousa podemos aceitar, ante aquelas suas frases ácerca das pensões. Os padres continuam vivendo miseravelmente; as expoliações fazem-se do mesmo modo; não se lhes consentiu o uso de habitos; os cemiterios não deixaram de ser secularizados, o *stato quo ante* mantem-se e só o prelado mudou. Porque? Que lhe teria dado a republica?

Havia um grande republicano, o medico Santos, o coxinho, que dizia a Magalhães Lima, varias vezes:

—O' Magalhães, olha que nós, os republicanos, temos cá dentro um jesuita com um barrete frigio.

Terão feito presente dele ao senhor arcebispo de Braga?

Seria um presente como outro qualquer para colocar sobre o seu solideo coberto com a mitra que usou fr. Bartolomeu dos Martires, o Santo, tão humilde em seus gostos e tão digno em seus gestos.

A morte do "Pad Zé,"

Recordações da mocidade — O sentimento dos
últimos românticos — Figuras da noite — Uma
alma de ternura num exterior de folião — Na
hora da reflexão

Discute-se de novo as razões da morte do *Pad Zé* de quem fui amigo, companheiro e admirador. Amigo, porque se formou entre nós um halo de simpatia que passou a ser encontro de confidencias; companheiro, porque rara era a noite em que deixavamos por vêr, juntos, romper a madrugada; admirador, porque jámais encontrei respostas tão rápidas, defezas tão dignas, atitudes tão nobres como as desse boémio inconoclasta que amava como ninguem e perdoava as injurias, sorrindo, desde que sentia a inferioridade do ofensor.

Valente, audaz, espirituoso — uma alma leve de beirão num aticismo de civilisado — êle entregava-se totalmente a um amigo, a uma idea, a um sonho. O acordar do *Pad Zé* — que me chamava *Compadre* — era o sacudimento da sua tristeza, porque, sósinho, esse pobre Alberto Costa — todo feito de sentimentalismos — era melancolico como um poeta e ensimesmava-se numa auto analyse que o fazia sofrer imenso. Escutei as suas reflexões, no escuro dos bairros distantes, mas mal se entrava na zona da luz êle queria que eu esquecesse — com Augusto Gil, Gaio, Amadeu de Freitas, Jorge Santos, João Gouveia — aquilo que nos revelara na sua recaída no passado. Vivía de saudade e de esperança, cortadas por um epilepsismo que o fazia vibrar, e, então, como um ser ávido do ar livre, saído de uma masmorra, aparecia como o publico o conhecia: a mascara foliona, o gesto largo, o desafio nos labios e, daí a pouco, as lagrimas nos olhos.

Pesava-lhe — e eu sabia-o — a sua fama tunantesca feita em Coimbra, nascida da sua originalidade, empurrada pela sua aura, réclamada pela sua política, porque o *Pad Zé* era um republicano singular, capaz de tudo tentar pela sua teima e muito feito tambem para, conseguida a realidade, cair no desalento.

O seu melhor amigo, mais constante, a seu lado, aquele cujos gestos e prazeres mais se coadunavam com os seus, era Alexandre Braga e aconteciam cousas singulares nessa fraternidade extranhamente mantida do advogado celebre e do bacharel que, por mais boa vontade, nunca conseguira defender um reu sem que houvesse sorrisos nos labios do

jury. Podia evocar uma tragedia; a tradição aboemiava esses discursos, filhos mais do seu sentir que do estudo da questão. Nas taboas dos comícios, quando falava em republica, escutavam-no, deixavam-se conduzir pelo seu ardor, mas no fim, pareciam esperar sempre alguma piada para rir. E a sua celebridade, da qual não se podia livrar, pesava-lhe; era como uma guiseira tornada numa armadura.

Alberto Costa mergulhava na conspiração contra João Franco; aquilo que ninguém se atrevia a tentar fazia-o ele, levado sempre pelo entusiasmo, quebrado quando ficava só, e daí a sua ancia de deambular, de se perder nos bairros excêntricos, de querer vêr luzir a madrugada acompanhado, e no fim dormir, com o dia alto, para encontrar, logo que saísse de casa, conhecidos amigos. Os seus passos na conspiração eram como os dos gatos que uzam guisos que servem de aviso aos ratos. Toda a gente o sabia nos preparos da rebelião mas por isso mesmo imaginava-se vêr surdir de tudo isso um *pic-nic* patusco. E, todavia, com seu atilamento que ninguém via e de que não se gabava, foi quem ligou os elementos heterogeneos contra a dictadura. Encontrou na impavidez de espadachim, á antiga, de Ribeira Brava o parceiro para a elegante e persistente fé do panfletario João Chagas, e daí por diante—pondo-os em contacto—apagou-se, tornou-se um subalterno, meteu-se nas tarefas inferiores do conubio com os fabricantes de bombas e da armazenagem dos explosivos nos armazens da Liquidadora.

Romantico exaltado entregara-se á tarefa guardando os seus segredos com uma ternura de pagem, radiante pelas confidencias duma grande dama, e procurava o atordoamento fóra do meio onde se movimentava de dia para gosar, por horas mortas, seus prazeres predilectos. Jogava; era para as fêmeas duma volubilidade hysterica ou desdenhosa e só lhe duravam os amores que o divertiam, com seu quê de originalidade ou o comoviam por seu romantismo todavia rapidos como fogos de palha.

Foi comigo que succedeu o celebrado caso de lhe guardar, durante vinte minutos, uma maleta de bombas que teve a lealdade de apresentar como tal e não pelo prazer, conforme se estagnou na lenda, de deixar um franquista com tal deposito para facilmente escapar á policia.

Uma manhã encontrei-o sob a arcada do teatro D. Maria. Era quazi no começo da epoca teatral e eu ia almoçar ao Martinho. O actor Ferreira da Silva, Marcelino Mesquita e o Xaviersinho—um desenhador dado á boémia,—mas muito pontual em seu emprego nos Caminhos de Ferro, estavam comsigo de conversa, recolhidos duma chuvasinha miudá, pegajosa. O Alberto chegou, chamou-me de lado, abriu a mala e disse-me:

—São bombas; guarda-me isso que eu já venho . . . Trata-se duma cousa que te interessa.

E fiquei, com o envolucro aos pés, sem me mexer, a aguardá-lo enquanto os outros se metiam no café.

Daí a pouco, *Pad Zé*, appareceu escorrendo; o seu fatito cinzento não tinha um fio enxuto, e, arquejante, como se tivesse vindo numa galgada, pediu a minha palavra de honra em como não revelaria de quem soubera o que me ia dizer.

Mal ouviu o tom solene em que lhe respondi, contou-me que João Franco corria um grande perigo. Preparava-se um ataque contra ele do qual não escaparia, pois tratava-se de uma espera na estrada da Luz

para a de Carnide, feita em termos que não ofereciam duvidas ácerca do exito. Atravessar-se-ia um carro no caminho; uns homens armados de pistolas surgiriam e quando o automovel estivesse embaraçado, seria dada a morte ao chefe do governo, naquele descampado pelo qual fugiriam no veiculo que servira de obstaculo á sua passagem.

Encarei-o com pasmo e com receio. No seu rosto havia uma lividez extranha e seus olhos, muito luzentos, por detraz das lunetas grossas, enluaravam-se dum brilho de sinceridade tão intensa e tão dolorosa que não duvidei. Ele, então explicava:

—E' que o meu modo de ser revolucionario não se dá com certos processos... Lá o meu velho é amigo dele...—e num impeto a rir: Que diabo é um patricio do Fundão.—Serio... Avisa-o... Não lhe digas que fui eu... Jurei; só muito tarde, passado desta vida, o *Pad Zé* narrei o dialogo. Todavia avisou-se o presidente do conselho, que, beirão tambem, rude, teimoso, disse como sempre:

—Que scié... Deixem-me... Vocês tambem só vivem com conspiradores...

Ele era assim altivo e corajoso, confiante em Deus; no destino. Para o major Dias, que o punha ao facto de tentativas, de ameaças gritava:

Pois se é assim, guarde-me... Irral! Que eu tambem tenho um buraco ao fundo das costas, como os outros homens! Não quero cá avisos... Depois de ter á certesa de Franco estar sabedor do que se preparava — e, por sinal, não fazendo caso algum — passei ao Martinho. Pisquei o olho ao Alberto Costa, e êle, que estava a jogar o rapa sobre o marmore da mesa do café com o dr. Coelho de Carvalho e mais duas pessoas, gritou-me, fazendo o mesmo sinal:

—Compadre!

João Franco escapou, porque foi obrigado a jantar nessa noite em Lisboa e o caminho appareceu patrolhado.

Dal a pouco, o Alberto saíu de Portugal. Fugira para Espanha por implicado na explosão das bombas do Carrião, nesse singular capitulo da historia revolucionaria que poupou à morte ou, pelo menos ao degredo, um grande vulto republicano, que devia ir ali na tarde em que se deu o sinistro. Se tivesse chegado à hora combinada teria sido outro o destino da conjura e do partido republicano, Tudo isto eu documento na obra sobre *João Franco e o seu tempo*, que estou publicando no A B C.

Como uma rajada de maus ventos, veiu o 28 de Janeiro e o regicidio. O *Pad* voltou do exilio e procurou-me nas *Novidades*. Entretinha-se, numa esfusiante alegria, a contar *blagues* ácerca do dr. Afonso Costa, cujo automovel, dizia êle, tinha uma buzina *rèclame*, cantadeira: «*Cá vai o senhor Afonso Costa, Costa, Costa, Cos... ta*». Outras vezes eram scenas do directorio, em que Bernardino Machado intervinha gravemente ante as diatribes revolucionarias, ou recordação duma celebre noite, no *Mundo*, em que zargunchara o velho politico. Correrá em Lisboa que os lanceiros iam assaltar a redacção; a fina flor dos carbonarios acorrera para a defesa. Estavam peçadas as escadas, as salas, as oficinas, e, o *Pad Zé* apagou a luz electrica. Houve panico, tumulto, balburdia e, dali a pouco, restabelecida a iluminação, entre gargalhadas, o futuro presidente da republica assomou ao corrimão e gritou:

—Podem retirar-se, meus amigos... Garantiu-me o senhor conselheiro Ferreira do Amaral que não ha novidade...

E êle, logo lá de baixo, como um fundibulario, voltou:

— Isso é uma conversa entre dois conselheiros, com que não tem nada o povo republicano.

Quando acabava de contar isto, gargalhava e asseverava:

— Mas, ó meu talassa, a revolução ha de ir, quer êles e vocês queiram, quer não queiram...

Entenebrecia-se, fugazmente, como um místico, ao suspeitar da gaifeira dos idolos.

Nunca dei por mudança apreciavel no *Pad'Zé* que me vinha buscar á tarde. Comia no *Paris*. A redação do *Mundo* garantia-lhe ali o alimento, descontando do seu ordenado, mas êle gastava sempre mais, lutava com falta de dinheiro. Sentia-se mal no conhecimento nocturno dos chefes que detestavam suas franquesas, audacias e *boutades*. Um homem assim não convinha e cada vez se acentuava mais a sua fama boémia. Aproveitava-se-lhe o talento, a audacia do *Fogo Vivo*, mas, no fundo, se os camaradas enternecidamente o amavam, os dirigentes não o acolhiam de alma aberta. Começava a sentir falhas enormes nos conspiradores. Imaginava que não confiavam em seu genio estouvado; punham-no muito de lado em certos meios e devia meditar nisso, na falta de recursos, no futuro que via negro, porque o boémio pensava duplamente no que havia de chegar. Era então que o seu riso lembrava um luar de teatro: — Ó menino, vem a republica e depois...

E depois ficas lulo, conspiras contra ela... diziamos-lhe todos, de brincadeira.

Enrugava a testa e detalhava: depois faz-se a caçada ao correli-gionario; de seguida isto limpa-se e... o teu amigo emigra... Mas faz-se a republica...

Era neste tom, meio serio, meio faceto, que êle falava de suas aspirações, sem jamais deixar de aparecer por altas horas no *Silva*, gritando, barafustando, querendo cear, livre do *Paris*... Ai, filho, é como se comesse em casa propria... Detesto o habito, o *trivial*.

Umaz vezes vinha assim; outras mais calado, para logo se mostrar duma alegria nervosa.

Quatro dias antes da sua morte fez-me, como sempre, confidencias: Naquela noite ganhara no *Madeirense*... Aborrecia-se... Que diabo...!! Não se fizera a republica depois da morte do rei... As cousas tardavam... Ele tinha que tratar da vida a serio... Casar-se, talvez... Sim?! E parara; pusera-se à esquina dos Martires a poetar, a imaginar uma tranquillidade, a falar de mulheres, mas não como no tempo em que iamos, com a Palmira Boémia, pescar para o lago do Rocio os peixes comprados na madrugada, e que, presos pela guelra, com uns ganchos da noctivaga, atados num barbante, eram puxados na agua por garotitos dos jornais, enquanto empunhando bengalas de volta os fingiamos anzolar.

Desta vez, o *Pad'Zé* falava duma mulher vaga, quasi imaterial, como costumava tratar da republica.

De repente voltou do lado do governo civil o *pirilampo*, o vendedor ambulante de *café*, e este, mudando logo, perguntou:

— Ó coisa, quanto queres pela quitanda? Serio... É só para lhe dar um pontapé...

O homem, a rir, pediu dez mil réis e êle atirou à cafeteira de lata um pontapé formidavel, que a fez rolar. E, como quem pagasse um par de luvas, numa loja de grande tom, esportulou, enquanto o guarda noc-

turno, o velhote do Chiado, corria a vê se ainda aproveitava alguma pinga do liquido no fundo da lata alta e amolgada.

Descemos. Deu-me um abraço, depois de se zangar por não o querer acompanhar no primeiro carro até Benfica, a arejar, a sacudir-se, e concluiu:

Ó compadre... A cabeça da gente é como o credito. Precisa refrescar de vez em quando.

Foi a ultima piada que lhe ouvi, mas não a ultima vez que o abracei.

Pela primeira e unica noite em que entrei na redacção do *Mundo* foi para me ir despedir dele. Tinha algodão em rama nas narinas; o rosto queimado; envolvia-o a toga de Alexandre Braga, cobrindo-lhe o fatito cinzento. Trescalava lenico e gangrena e os seus olhos cerrados davam-lhe ao rosto, que eu conhecera tão risonho, uma expressão que jamais êle tivera senão, talvez, quando sósinho, no fundo do seu quarto, pensava em todas as cousas do que me dizia a mim, ao Amadeu, ao Gil, ao Alexandre Braga, apenas metades, vaguidões que acabavam num riso. Matara-se quando a sua alegria biazra se afogara no poço negro da reflexão. Ele, o das *Kermesses* de riso, enoicara-se num desalento rapido, na sua aura epiletica, empretecera, como um lago limpido quando o dia se desvanece.

Em volta faziam o seu turno os republicanos de Alcantara; eu demorei-me ali, como pregado no chão, sob os olhos, colericos para mim, dos seus correligionarios e diante das suas palpebras baixas, inchadas, mortas. Se me pudesse vêr não seria para êles que olharia com mais ternura.

Sei que, entontado, desci à rua e que chorei muito. Um homem vestido de negro, um republicano conhecido, que acabava o seu turno, disse-me: Então lá se foi o seu *compadre*... E quiz saber, curiosamente, se o *Pad Zé* era padrinho de algum filho meu, ou se era eu que apadrinhava algum filho dele...

Era em novembro e eu sufocava. Fazia, quasi dia por dia, um ano que êle me avisara da tentativa contra João Franco.

Passava muita gente e lá em cima, pelas largas janelas escancaradas, moviam-se sombras.

Ele lá ficara, de algodão no nariz, palpebras mortas, sem o seu sorriso, carrancudo, severo, pela primeira vez, desligado da sua vida que para todos parecia uma folia e da qual se divorciara como dum pesadelo.

Os monarchicos no Parlamento

Quando publicamos a lista dos parlamentares ex-monarchicos logo garantimos as rectificações, a fim da historia ficar sem falhas. A proposito, o *Mundo* afirma que o sr. tenente-coronel Pires Monteiro se fillou no partido republicano em novembro de 1906. Basta-lhe este atestado de origem; é a sua carta de matricula autenticada por quem de direito. Ha, porêm, uma cousa que desculpa o nosso equivooco. Esse official fez o seu juramento à monarchia e, não aparecendo na Rotunda a bater-se, eis a razão porque o consideramos na monarchia.

Assim como eu sou panfletario, porque publico panfletos, ha quem se diga republicano só porque estamos em republica, segundo o *Mundo* afirma tambem.

